

tico, abençoado pelo Mestre, lhe transfigurasse as mais recônditas fibras da consciência. Seus olhos se enchiam de lágrimas, não por um orgulho ferido ou pela ingratidão que aquelas admoestações injustas revelavam, mas com profunda compaixão do espôso que não a compreendia e adivinhando a dolorosa tempestade que lhe fustigava o coração generoso, porém arbitrário, no plano de suas resoluções. Serena e silenciosa, não se justificou perante as severas reprimendas.

Foi quando, então, compreendendo que aquele atrito não deveria prosseguir, dirigiu-se o senador para a porta de saída do apartamento, abrindo-a com estrépito, a exclaimar:

— Jamais fiz uma viagem tão penosa e tão infeliz! Genios malditos parecem presidir as minhas atividades na Palestina, porque se curei uma filha, perdi um filhinho no desconhecido, começo a perder a mulher no abismo das irreflexões e da incoerência, e acabarei também perdendo-me para sempre.

Dizendo-o, bateu a porta com toda a força dos seus movimentos instintivos, encaminhando-se ao gabinete, enquanto a espôsa, de coração genuflexo dirigia o pensamento para aquele Jesus carinhoso e terno, que viera ao mundo para salvar todos os pecadores. Lágrimas dolorosas fluíam-lhe dos olhos, fixos ainda na paisagem do lago de Genesaré, aonde parecia haver regressado em espírito, novamente. Lá estava o mestre, em atitudes doces de prece, cravando nas estrélas do céu os olhos fulgurantes.

Figurou-se-lhe que Jesus também lhe notara a presença naquela hora sombria da noite, porque desviara o olhar fúlgido do firmamento constelado e estendia-lhe os braços compassivos e misericordiosos, exclamando com infinita doçura:

— Filha, deixa que chorem os teus olhos as imperfeições da alma que o Nosso Pai destinou para gêmea da tua!... Não esperes dêste mundo mais que lágrimas e padecimentos, porque é na dor que os corações se lucificam para o céu... Um momento chegará em que te sentirás no ácueme das aflições, mas não duvides da mi-

nha misericórdia, porque no momento oportuno, quando todos te desprezarem, eu te chamarei ao meu reino de divinas esperanças, onde poderás aguardar teu espôso, no curso incessante dos séculos!...

Pareceu-lhe que o Mestre continuaria a embalar-lhe o coração com as suas suaves e carinhosas promessas de bem aventurança, mas um ruído qualquer a separara daquela visão de luz e de felicidade indefiníveis.

Quebrara-se o quadro da sua mentação espiritual, como se feito de tenuíssimas filigranas.

Todavia, a espôsa do senador compreendeu que não fora vítima de uma perturbação alucinatória e guardou, com amor no âmago do coração as doces palavras do Messias. E, enquanto despia os trajes galileus, afim de retomar o curso de suas obrigações domésticas, de alma límpida e consolada, parecia, ainda, lobrigar o vulto sereno e amado do Senhor, nas eminências verdejantes das margens do Tiberiades, através da neblina suave, que embaciava os seus olhos húmidos de pranto.

VIII

NO GRANDE DIA DO CALVÁRIO

Desde a sua altercação com a espôsa, fechara-se Publio Lentulus na mais penosa taciturnidade.

Dolorosas suspeitas lhe vergastavam o coração impulsivo, acerca do procedimento daquela que o destino algemara ao seu espírito, para sempre, no instituto da vida conjugal. Não pudera compreender o disfarce de que Lúvia se utilizara para o encontro com o profeta de Nazaré, pois seu temperamento orgulhoso rebelava-se contra aquela atitude da mulher, considerando a sua posição social um penhor da veneração e do respeito de todos e dando guarida, assim, às mais penosas desconfianças, intoxicado pelo veneno das calúnias de Fulvia e Sulpício.

Algum tempo decorrera e, enquanto êle se enclausurava no seu mutismo e na sua melancolia, Lívia abroquelava-se na fé, nas palavras carinhosas e persuasivas do Nazareno. Nunca mais voltara ela a Cafarnaum, com o fim de ouvir as consoladoras prédicas do Messias; mas, por intermédio de Ana, que lá comparecia pontualmente, procurou auxiliar, sempre que possível, os pobres que buscavam a palavra de Jesus, na medida dos seus recursos materiais. Profunda tristeza lhe invadia o coração sensível e generoso, em observando as atitudes incompreensíveis do companheiro; mas, a verdade é que já não colocava as suas esperanças em qualquer realização do orbe terrestre, voltendo as suas mais ardentes aspirações para aquele reino de Deus, maravilhoso e sublime, onde tudo devia transpirar amor, ventura e paz, no seio farto de soberanas consolações celestes.

Aproxima-se a Páscoa do ano 33 e numerosos amigos de Publio haviam aconselhado a sua volta temporária a Jerusalém, a-fim-de intensificar os serviços da procura do filhinho, no curso das festividades que concentravam, na época, as maiores multidões da Palestina, estabelecendo possibilidades mais amplas no reencontro do desaparecido. Peregrinos incontáveis, de todas as regiões da provincia dirigiam-se para Jerusalém, a participar dos grandes festejos, oferecendo, simultaneamente, os tributos de sua fé, no grande templo. A nobreza indígena também se fazia notar ali, em tais circumstancias, através de seus elementos mais representativos. Todos os partidos políticos se arregimentavam para os serviços extraordinarios das solenidades que reuniam as maiores massas do judaismo, encaminhando-se para lá os homens mais importantes do tempo. As autoridades romanas, por sua vez, concentravam-se, igualmente, em Jerusalém, na mesma ocasião, reunindo-se na cidade quasi todos os centuriões e legionarios, destacados a serviço do Império, nas paragens mais remotas da provincia.

Publio Lentulus não desdenhou o alvitre e antes que a cidade se enchesse de romeiros e exploradores, já ali se encontrava com a familia, fornecendo instruções aos servos de confiança, conhecedores do pequenino

Marcus, de maneira a estabelecer um cordão de investigadores atentos e permanentes, enquanto perdurassem os festejos.

Em Jerusalém, o convencionalismo social não se modificara, notando-se apenas a circumstancia de Publio haver dispensado a residencia do tio Salvio, adquirindo uma vila confortavel e graciosa em plena rua movimentada, de onde pudesse observar, igualmente, as manifestações populares.

As vésperas da Páscoa, chegaram com a volumosa preamar de peregrinos de todas as classes e de todas as localidades provinciais. Interessante observar-se, naqueles blocos heterogêneos de povo, os habitos mais dispares entre si.

Caravanas numerosas revelando os mais exquisitos costumes, penetravam as portas da cidade, patrulhadas por numerosos soldados pretorianos.

E, enquanto o senador fazia comparações de ordem economica, social e política, observando as massas de povo que afluíam ás ruas movimentadas, vamos encontrar Lívia em palestra íntima com a serva de sua amizade e confiança.

— Sabeis, senhora, que também o Messias chegou ontem a esta cidade? — exclamava Ana com um raio de alegria nos grandes olhos.

— Verdade? — perguntou Lívia surpresa.

— Sim, desde ontem, chegou Jesus a Jerusalém, saudado por grandes manifestações populares.

A ressurreição de Lázaro, na Betânia, confirmou as suas divinas virtudes de Filho de Deus, entre os homens mais descrentes desta cidade, e acabo de saber que sua chegada foi objéto de imensas alegrias da parte do povo. Todas as janelas se enfeitaram de flores para a sua passagem triunfal, as crianças espalharam palmas verdes e perfumadas no caminho, em homenagem a êle e aos seus discípulos!... Muita gente acompanhou o Mestre desde as margens do lago de Genesaré, seguindo-o até aqui, através de todas as localidades.

Quem me trouxe a notícia foi um conhecido pessoal, portador do tio Simeão, que também veio a Jerusalém,

nessa grande caminhada, apesar da sua idade avançada...

— Ana, essa notícia é muito confortadora — disse-lhe a senhora com bondade — e se pudesse iria ouvir a palavra do Mestre, onde quer que fôsse; mas, bem sabes as dificuldades para a consecução dêste intento. Entretanto, ficas livre de tuas obrigações e trabalhos, durante a permanência de Jesus em Jerusalém, de modo a bem aproveitares as festas da Páscoa, ouvindo, ao mesmo tempo, as prédicas do Messias, que tanto bem nos fazem ao coração.

E, entregando á criada o indispensável auxílio pecuniário, observava que Ana partia satisfeita em demanda das cercanias do Monte das Oliveiras, onde estavam massas compactas de peregrinos, entre os quais se notava a presença do velho Simeão, de Samária,romeiro desassombrado que não trepidara, apesar da idade avançada, em aderir ao movimento das peregrinações pelos mais escabrosos e longos caminhos.

Em casa de Lentulus não havia tanto interesse pelas grandes festividades do judaísmo.

Um único motivo justificava a presença do senador em Jerusalém naqueles dias turbulentos, qual o da busca incessante do filho, que parecia perdido para sempre.

Diariamente, ouvia os servos de confiança, após as diligências empreendidas e, de instante a instante, sentia-se mais acabrunhado por acerbos desilusões, considerando a sua luta inútil, naquelas pesquisas exaustivas e infrutíferas.

Na vivenda clara e ajardinada, as horas passavam vagarosas e tristes. Embalde se movimentavam as ruas, patrulhadas por soldados e cheias de criaturas de todos os matizes sociais. O vozerio das ruidosas manifestações populares transpunham aquelas portas quasi silenciosas, como ecos apagados de rumores longínquos.

A penosa situação conjugal em que se colocara, separava o senador da mulher, como se estivessem irremediavelmente distantes um do outro, pelos laços sagrados do coração.

Foi a êsse retiro de calma aparente que Ana voltou, certa manhã, passados alguns dias, afim-de cientificar a senhora da inesperada prisão do Messias.

Com a simplicidade espontânea e sincera da alma popular, que ela encarnava, a serva humilde historiou com os mais íntimos pormenores a cena provocada pela ingratidão de um dos discípulos, em virtude do despeito e da ambição dos sacerdotes e fariseus do templo da grande cidade israelita.

Amargamente compungida em face do acontecimento, Lúvia considerou que, se fôsse noutro tempo, recorrería imediatamente á proteção política do marido, de modo a evitar ao profeta de Nazaré os ataques das ambições desmesuradas. Agora, porém, reconhecia não lhe ser possível socorrer-se do prestígio do companheiro, em tais circunstâncias. Mesmo assim, procurou aproximar-se dele, por todos os modos, embora improficuamente. De uma sala contígua ao seu gabinete, notou que Publio atendia a numerosas pessoas que o procuravam particularmente, em atitude discreta; e o interessante é que, segundo as suas observações, todos expunham ao senador o mesmo assunto, isto é, a prisão inesperada de Jesus Nazareno — acontecimento que desviara todas as atenções das festividades da Páscoa, tal o interesse despertado pelos feitos do Mestre, em todos os espiritos. Alguns solicitavam a sua intervenção no processo do acusado; outros, da parte dos fariseus ligados aos sacerdotes do Sinédrio, encareciam aos seus olhos o perigo das pregações de Jesus, apresentado por muitos como um revolucionário inconsciente, contra os poderes políticos do Império.

Debalde esperou Lúvia que o marido lhe concedesse dois minutos de atenção, no compartimento próximo do seu gabinete privado.

Sua ansiedade tocava o apogeu, quando lóbrigou a figura de Sulpício Tarquinius, que vinha da parte de Pilatos solicitar ao senador o obsequio da sua presença, imediatamente, no palácio do governo provincial, afim-de solucionar um caso de consciência.

Publio Lentulus não se fez rogado.

Ponderando os seus deveres de homem de Estado, concluiu que deveria esquecer quaisquer prevenções da sua vida particular e privada, marchando ao encontro das obrigações que devia ao Império.

Lívia perdeu, então, toda a esperança de implorar-lhe auxílio para o Mestre, naquele dia. Sem saber porquê, intensa amargura invadia-lhe o mundo íntimo. E foi com a alma envolta em sombras que elevou ao Pai Celestial as suas preces fervorosas e sinceras, por aquele que o seu coração considerava lúcido emissário dos céus, suplicando a todas as forças do bem, livrassem o Filho de Deus da perseguição e da perfídia dos homens.

Chegando á côrte provincial romana, naquele dia inesquecível de Jerusalém, Publio Lentulus foi tomado de extraordinária surpresa.

Ondas compactas de povo se adensavam na praça extensa, em gritaria ensurdecedora.

Pilatos recebeu-o com deferencia e solicitude, conduzindo-o a um gabinete amplo, onde se reunia pequeno número de patricios, escolhidos a dedo em Jerusalém. O pretor Salvio, funcionarios de destaque, militares graduados e alguns poucos romanos civis, de nomeada, que passavam eventualmente pela cidade, alí se aglomeravam, convocados pelo governador, que se dirigiu a Publio Lentulus, nestes termos:

— Senador, eu não sei se tivestes ensejo de conhecer, na Galiléia, um homem extraordinario que o povo se habituou a chamar Jesus Nazareno. Esse homem foi agora preso, em virtude da condenação dos sacerdotes do Sinhedrio, e a massa popular que o havia recebido, nesta cidade, com palmas e flores, pede agora, nesta praça o seu immediato julgamento por parte das autoridades provinciais, em confirmação da sentença proferida pelos padres de Jerusalém.

“Eu, francamente, não lhe vejo culpa alguma, senão a de um ardente visionario de cousas que não posso ou não sei compreender, surpreendendo-me amargamente o seu penoso estado de pobreza.”

Neste cemenos, penetraram na sala as duas irmãs, Claudia e Fulvia, que tomaram assento nesse conselho íntimo de patricios.

— Ainda esta noite — continuou Pilatos apontando para a espôsa — parece que os augurios dos deuses se manifestaram para a minha orientação, pois Claudia sonhou que uma voz lhe recomendava que eu não deveria arriscar minha responsabilidade no julgamento dêsse homem justo.

“Resolvi, portanto, agir em consciencia, aqui reunindo todos os patricios e romanos notaveis de Jerusalém, para examinarmos o assunto, de modo que o meu ato não prejudique os interesses do Império, nem colida com o meu ideal de justiça.

“Que dizeis, pois, dos meus escrúpulos, na qualidade de representante direto do Senado e do Imperador, entre nós, neste momento?”

— Vossa attitude — respondeu o senador, compenetrado de suas responsabilidades — revela o maximo criterio nas questões administrativas.

E, recordando, no íntimo, os bens que havia recebido do profeta com a cura da filhinha, embora as dúvidas levantadas pelo raciocínio da sua vaidade orgulhosa, continuou:

— Conheci, de perto, o profeta de Nazaré, em Cafarnaum, onde ninguem o tinha na conta de um conspirador ou revolucionario. Suas ações, ali, eram as de um homem superior, caridoso e justo, e jamis tive conhecimento de que sua palavra se erguesse contra qualquer instituto social ou politico do Império. Certamente, alguem o toma aqui como pretendente á autoridade politica da Judéia, cevando-se no seu nome as ambições e despeitos dos sacerdotes do templo. Mas, já que guardais no coração os melhores escrúpulos, por que não enviais o prisioneiro ao julgamento de Antipas, a quem, com mais propriedade deve interessar a solução de semelhante assunto? Representando, nestes dias, o govêrno da Galiléia aqui em Jerusalém, acho que ninguem, melhor que Herodes, pode resolver em sã consciencia um caso como este, considerando-se a circunstancia de que

judgará um compatriota seu, já que não vos julgais de posse de todos os elementos para proferir uma sentença definitiva nesse processo insólito.

A idéia foi unanimemente aceita, sendo o acusado conduzido á presença de Herodes Antipas, por alguns centuriões e obedecendo-se, rigorosamente, as determinações de Pilatos nesse sentido.

Todavia, no palácio do tetrarca da Galiléia, foi Jesus de Nazaré recebido com profundo sarcasmo.

Apelidado pela gente simples como "Rei dos Judeus" e simbolizando a esperança de certas reivindicações políticas para numerosas de seus seguidores, entre os quais se incluía o famoso discípulo de Kerioth, o mestre de Nazaré foi tratado pelo príncipe de Tiberiade, como um vulgar conspirador, humilhado e vencido.

Antipas, porém, para fazer sentir ao procurador da Judéia a conta de ridículo em que tomava os seus escrúpulos, mandou que se tratasse o prisioneiro com o máximo de ironia.

Vestiu-lhe uma túnica alva, igual á indumentária dos príncipes do tempo, colocando-lhe nos braços uma cana imunda á guisa de cetro e corôu-lhe a fronte abastida com uma auréola de venenosos espinhos, devolvendo-o á sanção de Pilatos, no turbilhão de gritarias da população exacerbada.

Muitos soldados romanos cercavam o acusado, protegendo-o das investidas da massa furiosa e inconciente.

Jesus, trajando, por irrisão, a túnica da realza, coroadado de espinhos e empunhando uma cana como símbolo do seu reinado no mundo, deixava transparecer nos olhos profundos uma indefinível melancolia.

Cientificado de que o prisioneiro era devolvido por Antipas ao seu julgamento, o governador dirigiu-se novamente aos seus conterrâneos, exclamando:

— Meus amigos, não obstante nossos esforços, Herodes apela também para nós outros, afim-de se confirmar a peça condenatória do profeta nazareno, recambiando-o com a sua situação penosamente agravada perante o povo, porquanto, como suprema autoridade em Tiberiade, tratou o prisioneiro com revoltante sar-

casmo, dando-nos a entender o desprezo com que supõe deva êle ser condenado pela nossa autoridade judiciária e administrativa.

"Tão amarga situação contrista-me bastante, porque o coração me diz que êsse homem é um justo; mas, que fazemos em semelhante conjuntura?"

Da câmara isolada, onde se reunia o apressado e reduzido conselho de patricios, podiam observar-se os ecos rumorosos da turba amotinada, em espantosa gritaria.

Um ajudante de ordens do governador, de nome Polibius, homem sensato e honesto, penetrou no recinto, pálido e quasi trêmulo, dirigindo-se a Pilatos:

— Senhor Governador, a multidão enfurecida ameaça invadir a casa, se não confirmardes a sentença condenatória de Jesus Nazareno, dentro do menor prazo possível..."

— Mas, isso é um absurdo, retrucou Pilatos emocionado. E, afinal, que diz o profeta, em tais circunstâncias? Sofre tudo sem uma palavra de recriminação e sem um apêlo oficial aos tribunais da justiça?

— Senhor — replicou Polibius, igualmente impressionado — o prisioneiro é extraordinario na serenidade e na resignação. Deixa-se conduzir pelos algozes, com a docilidade de um cordeiro e nada reclama, nem mesmo o supremo abandono em que o deixaram quasi todos os diletos discípulos da sua doutrina!

"Comovido com os seus padecimentos, fui falar-lhe pessoalmente e, inquirindo-o sobre os seus martírios, afirmou-me que poderia invocar as legiões de seus anjos e pulverizar toda Jerusalém dentro de um minuto, mas que isso não estava nos designios divinos e sim a sua humilhação infamante, para que se cumprissem aqui as determinações das escrituras. Fiz-lhe ver, então, que poderia recorrer á vossa magnanimidade, afim-de se ordenar um processo dentro de nossos dispositivos judiciais, de maneira a comprovar a sua inocência e, todavia, recusou semelhante recurso, alegando que prescinde de toda proteção política dos homens, para confiar tão

sómente numa justiça que diz ser a de seu Pai que está nos céus!”

— Homem extraordinaria!... — revidou Pilatos, enquanto os presentes o acompanhavam estupefatos.

— Polibius — continuou elle — que poderíamos fazer para evitar-lhe a morte nefanda, nas mãos criminosas da massa inconciente?

— Senhor, em vista da necessidade de uma resolução rápida, sugiro a pena dos açoites na praça pública, por ver se assim conseguimos amainar as iras populares, evitando ao prisioneiro a morte ignominiosa nas mãos de celerados sem consciencia...

— Mas, os açoites!? — diz Publio Lentulus admirado, anteendo as torturas do horrivel suplicio.

— Sim, meu amigo — redarguiu o governador, dirigindo-lhe a palavra com atencão respeitosa — a idéia de Polibius é bem lembrada. Para evitarmos ao acusado a morte ignominiosa, temos de lançar mão dêste recurso. Vivendo na Judéia ha quasi sete anos, conheço este povo e sei de suas temiveis atitudes, quando as suas paixões desencadeiam.

O suplicio foi, então, determinado, no pressuposto de evitar maiores males.

Diante de todos, foi Jesus açoitado, de maneira impiedosa, aos berros estridentes da multidão amotinada.

Nesse instante doloroso, Publio e alguns romanos ausentaram-se por momentos da camara privada onde se reuniam, afim de observarem os movimentos instinctivos da massa fanática e ignorante. Não parecia que os peregrinos de Jerusalém haviam acorrido á cidade para as comemorações alegres da Páscoa, mas, tão sómente, para procederem á condenação do humilde Messias de Nazaré. De quanto em quando, fazia-se mistér o concurso decidido de centuriões desassombrados, que dispersavam certos grupos mais exaltados, a golpes de chanfalho.

O senador fez questão de aproximar-se do supliciado, nas suas provações dolorosas e extremas.

Aquele rosto enérgico e meigo, em que os seus olhos haviam divisado uma auréola de luz suave e misericordiosa, nas margens de Tiberiades, estava agora banhado

de um suor sangrento a manar-lhe da fronte dilacerada pelos espinhos perfurantes, misturando-se de lágrimas dolorosas; seus delicados traços fisionômicos pareciam invadidos de palidez angustiada e indescritivel; os cabellos caíam-lhe com a mesma disposição encantadora sobre os ombros semi-nús e, todavia, estavam agora desalinhados pela imposição da corôa ignominiosa; o corpo vacilava, trêmulo, a cada vergastada mais forte, mas o olhar profundo saturava-se da mesma beleza inexprimivel e misteriosa, revelando amargurada e indefinivel melancolia.

Por um momento, seus olhos encontraram os do senador, que baixou a fronte, tocado pela imorredoura impressão daquela sobrehumana majestade.

Publio Lentulus voltou intimamente compungido ao interior do palacio, onde, daí a poucos minutos, retornava Polibius, cientificando ao governador de que a pena do açoite não havia saciado, infelizmente, as iras da população enfurecida, que reclamava a crucificação do condenado.

Penosamente surpreendido, exclamou o senador, dirigindo-se a Pilatos, com intimidade:

— Não tendes, porventura, algum prisioneiro com processo consumado, que possa substituir o profeta em tão horrorosas penas? As massas possuem uma alma caprichosa e versatil e é bem possivel que a de hoje se satisfaga com a crucificação de algum criminoso, em lugar dêsse homem que pode ser um mago ou visionario, mas é um coração caridoso e justo.

O governador da Judéia concentrou-se por momentos, recorrendo á memoria, com o fim de encontrar a desejada solução.

Lembrou-se então de Barrabás, personalidade temivel, que se encontrava no cárcere aguardando a última pena, conhecido e odiado de todos pelo seu comprovado espirito de perversidade, respondendo afinal:

— Muito bem!... Temos aqui um celerado, no cárcere, para alívio de todos e que poderia, com efeito, substituir o profeta na morte infamante!...

E mandando fazer o possível silêncio de uma das eminências do edificio ordenou que o povo escolhesse entre o bandido e Jesus.

Mas, com grande surpresa para todos os presentes, a multidão bradava com sinistro alarido, numa torrente de impropérios:

— Jesus!... Jesus!... Absolvemos Barrabás!... Condenamos a Jesus!... Crucificai-o!... Crucificai-o!...

Todos os romanos se aproximaram das janelas, observando a inconsciência da massa criminoso, no ímpeto de seus instintos desencadeados.

— Que fazer, diante de tal quadro? — perguntou Pilatos emocionado, ao senador que o ouvia atentamente.

— Meu amigo — respondeu Publio com energia — se a decisão dependesse tão somente de mim, fundamentá-la-ia em nossos códigos judiciários, cuja evolução não comporta mais uma condenação tão sumária como esta, e mandava dispersar a multidão inconsciente á pata de cavalo; mas, considero que as minhas atribuições transitórias, junto ao vosso governo, não me outorgam direito a tais desmandos e, além disso, tendes aqui uma experiência de sete anos consecutivos.

“De minha parte, suponho que tudo foi feito para que as decisões não fôsem precipitadas.

“Antes de tudo, o prisioneiro foi enviado ao julgamento de Antipas, que complicou a situação, diante da população irresponsável, dentro das suas infelizes noções na tarefa de um governo, deixando-vos a responsabilidade da última palavra sobre o assunto; em seguida, determinastes o suplicio do açoite para satisfazer ao povo amotinado, e agora, acabais de apresentar um outro criminoso para a crucificação, em lugar do acusado. Tudo, inutilmente.

“Como homem, estou contra este povo inconsciente e infeliz e tudo faria por salvar o inocente; mas, como romano, acho que uma provincia, como esta, não passa de uma unidade economica do Império, não nos competindo a nós outros o direito de interferência nos seus grandes problemas morais, presumindo, dêsse modo, que

a responsabilidade desta morte nefanda deve caber agora, exclusivamente, a esta turba ignorante e desesperada, e aos sacerdotes ambiciosos e egoistas que a dirigem.”

Pilatos enterrou a fronte nas mãos, como a refletir maduramente naquelas ponderações; mas, antes que pudesse externar a sua opinião, eis que Polibius aparece aflito, exclamando em attitude discreta:

— Senhor governador, é preciso apressar a vossa decisão. Espiritos maldizentes começam a duvidar da vossa fidelidade aos poderes de Cesar, compelidos pela intriga dos padres do templo, colocando a vossa dignidade num terreno equívoco para todos... Além disso, a população tenta invadir a casa, tornando-se necessario assumirdes uma attitude decisiva, sem perda de um minuto.

Pilatos ficou rubro de cólera, diante de semelhantes injunções, exclamando irritado, como se estivesse sob o jugo do mais singular dos determinismos:

— Está bem! Lavarei as mãos dêste ignominioso delito! O povo de Jerusalém será satisfeito...

E, procedendo a êsse acto que o celebrizaria para sempre, dirigiu algumas palavras ao condenado, mandando, em seguida, recolhê-lo a uma cela, onde pudesse permanecer por alguns minutos, sem as grosseiras investidas da turba impetuosa, antes que a multidão o conduzisse ao Gólgota, que na linguagem usual deverá ser traduzido por Lugar da Caveira.

Um sol abrasador tornava sufocante e insuportável a atmosfera.

Saciada, afinal, a fúria da multidão nos seus desvairamentos infelizes, numerosos soldados seguiram o prisioneiro, que demandava o monte da crucificação, a passos vacilantes sob o madeiro da ignominia, que a justiça da época destinava aos bandidos e aos ladrões.

Até o momento de sua saída, sob a cruz, ninguém se interessara por êle, junto á autoridade do governador da Judéia.

Depreendia daí o senador que, quantos seguiam o Mestre de Nazaré, nas margens do lago, em Cafarnaum, o haviam abandonado inteiramente.

De uma das janelas do palacio, considerou, penalizado, o desprezo infligido áquele homem que, um dia, o dominara com a força magnetica da sua personalidade incompreensível, observando a ondulação da turba enfurecida, ao sair o inesquecível cortejo.

Ao lado do Mestre, não se via mais a carinhosa assistência dos discipulos e seus numerosos seguidores. Apenas algumas mulheres — entre as quais se destacava o vulto impressionante e agoniado de sua mãe — o amparavam afetuosamente, no doloroso e derradeiro caminho.

Aos poucos, a praça extensa aquietou-se ao calor sufocante da tarde que se avizinhava.

A' distancia, ouvia-se ainda o vozeio da plebe, aliado ao relinchar dos cavalos e ao tinir das armaduras.

Impressionados com o espetáculo que, aliás, não era incomum na Palestina, reuniram-se os romanos em uma das salas amplas do palacio governamental, em animada palestra, versando os instintos e paixões ferozes da plebe enfurecida.

Daí a minutos, Claudia mandava servir doces, vinhos e frutas e, enquanto a conversação timbrava os problemas da provincia e as intrigas da côrte de Tiberio, mal imaginava aquelle punhado de criaturas que, na cruz grosseira e humilde do Gólgota ia acender-se uma gloriosa luz para todos os séculos terrestres.

IX

A CALÚNIA VITORIOSA

Se Jesus de Nazaré havia sido abandonado por seus discipulos e seguidores mais directos, o mesmo não se verificara, quanto ao grande número de criaturas humildes que o acompanhavam, com devoção purificada e sincera.

E' verdade que essas almas, raras, não revelaram francamente as suas simpatias perante a turba desvai-

rada, temendo-lhe as sanhas destruidoras, mas, muitos espiritos piedosos, como Ana e Simeão, contemplaram de perto os martirios do Senhor sob o açoite infamante, cheios de lágrimas angustiosas e esperando que, a cada momento, se pudesse manifestar a justiça de Deus contra a perversidade dos homens, a favor do Messias.

Contudo, esvaeceram-se-lhes as derradeiras esperanças, quando, sob o pêso da cruz, o supliciado caminhou a passos cambaleantes, para o monte da última injúria, depois de confirmada a ignóbil sentença.

Foi assim que Ana e seu tio, reconhecendo inevitável o martirio da crucificação, deliberaram seguir para a residencia de Publio, para suplicar o patrocínio de Lívía, junto ao governador.

Enquanto o cortejo sinistro e impressionante se punha em marcha nos seus movimentos vagarosos, ambos desviaram-se da massa, encaminhando-se por uma viela ensolarada, em busca do almejado socorro.

Penetrando na residencia, enquanto Simeão a esperava, pacientemente, numa calçada próxima, dirige-se Ana á espôsa do senador, que a recebeu surpresa e desolada.

— Senhora — diz, mal ocultando as lágrimas — o profeta de Nazaré já está a caminho da morte ignominiosa na cruz, entre os ladrões!...

Uma emoção mais forte embargara-lhe a voz, sufocada de pranto.

— Como? — respondeu Lívía, penosamente surpreendida — se a prisão data de tão poucas horas?

— Mas é a verdade... — revidou a serva compungida. E, em nome daqueles mesmos soffredores que vistes consolados pela sua palavra carinhosa e amiga, junto ás aguas do Tiberiades, eu e meu tio Simeão vimos implorar o vosso auxílio pessoal junto ao governador, afim-de fazermos um esforço derradeiro pelo Messias!...

— Mas, uma condenação como essa, sem estudo, sem exame, é lá possível? Vive, então, aqui, este povo sem outra lei que não a da barbaria? — exclamou a senhora, visivelmente revoltada, com inopinada notícia.